



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES/ CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**HILEANNA KARLA BARBOSA BERNARDES**

**LINHA DE PESQUISA**

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA  
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA**

**Guarabira – PB  
2014**

**HILEANNA KARLA BARBOSA BERNARDES**

**UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA  
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira – PB, tendo em vista a linha de pesquisa: O ensino da geografia na escola fundamental e médio. Em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau de licenciado, sob orientação da professora Maria Juliana Leopoldino Vilar.**

Guarabira – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B518a Bernardes, Hileanna Karla Barbosa  
Uma análise das contribuições do Pibid na formação inicial de professores de Geografia [manuscrito] : / Hileanna Karla Barbosa Bernardes. - 2014.  
40 p. : il.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Maria Juliana Leopoldino Vilar, Departamento de Geografia".

1. Formação docente. 2. Recurso didático. 3.PIBID. I.  
Título.

21. ed. CDD 371.12

HILEANNA KARLA BARBOSA BERNARDES

UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO  
INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Aprovado em 30,03,2014

BANCA EXAMINADORA

*Maria Juliana Leopoldino Vilar*

Professora Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar  
Especialista em Gestão e Análise Ambiental – UEPB  
Professora substituta de departamento de Geografia – CH/UEPB

*Francisco Fábio Dantas da Costa*

Professor Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa  
Professor de Geografia - CH/ UEPB

*Antônio Gregório da Silva*

Professor Antônio Gregório da Silva  
Professor de Geografia - CH/ UEPB

GUARABIRA – PB  
2014

**Aos meus pais, Maria José Barbosa Bernardes e Carlos Antônio Bernardes da Silva, por está sempre ao meu lado me apoiando e incentivando a fim de me proporcionar uma educação superior.**

**E *in memoriam* de minha avó Alaíde Bernardes da Silva que era uma pessoa que estaria orgulhosa de compartilhar comigo esse momento de minha vida.**

**Dedico**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me proporcionado tudo em minha vida, por ter me dado força e perseverança para enfrentar as dificuldades encontradas na vida, e principalmente, por esta vitória, no qual me deu sabedoria e determinação para chegar ao fim desse meu objetivo.

Depois aos meus pais, Maria José Barbosa Bernardes e Carlos Antônio Bernardes da Silva, pelos valores éticos e morais ensinados em minha vida, pelos incentivos, compreensão e dedicação nos momentos alegres e tristes, por terem me incentivado e se dedicado para que eu pudesse me formar. E, principalmente, a minha mãe que é uma batalhadora e que sempre esteve comigo me dando força para que eu não parasse de estudar. Minha eterna gratidão.

A minha irmã, Helyda Karla Barbosa Bernardes, que, como irmã mais velha me deu o bom exemplo e incentivo pela busca de minha profissionalização e capacitação. E a minha irmã caçula, Halanna Barbosa Bernardes, pelo apoio nas horas que precisei. E que apesar de tudo sempre estiveram comigo.

A todos os meus colegas, amigos e companheiros do PIBID, que de uma forma ou de outra me incentivaram nessa batalha. Porém, quero agradecer de forma especial a Renata de Lima Pereira, pelo incentivo, companheirismo e pela amizade que será para além da universidade. A Thamires Moura, Francisca Aline, Maria e demais, pelas trocas de conhecimentos, pelo apoio e auxílio durante a cainhada de graduação.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação acadêmica, os quais me proporcionaram o aprendizado necessário e fundamental ao longo dessa graduação. E dentre eles agradeço em especial a professora e orientadora Maria Juliana Leopoldino Vilar, que me auxiliou e incentivou a seguir nesse momento tão atencioso e esperado, e que me inspirou na escolha do tema. Agradeço pela competência e profissionalismo, pela compreensão e por me conduzir a fim dessa jornada.

Aos professores integrantes da banca examinadora desta monografia, pelas contribuições que certamente engrandeceram o conteúdo apresentado.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram nessa formação.

Meus eternos agradecimentos!

## **043 – GEOGRAFIA**

**TITULO:**Uma análise das contribuições do PIBID na formação inicial de professores de Geografia

**LINHA DE PESQUISA:**O ensino da geografia na escola. Fundamental e médio.

**AUTORA:**Hileanna Karla Barbosa Bernardes

**ORIENTADORA:**Maria Juliana Leopoldino Vilar

**EXAMINADORES:**Francisco Fábio Dantas da Costa  
Antônio Gregório da Silva

### **RESUMO**

O ensino de geografia no Brasil passou e passa por diversas transformações no decorrer da sua trajetória. O ser humano, por ser um agente transformador do meio em que vive, está sujeito a constantes modificações em sua sociedade. Essas alterações se deram por meio das variações que foram ocorrendo com a própria coletividade no decorrer da história. As pessoas passaram a ter a necessidade de um conhecimento crítico para poder cobrar os direitos e deveres no âmbito social. Do mesmo modo que a sociedade evoluiu, a educação tem que estar adequada às necessidades requerida pela população. Portanto, fica inviável que se possa haver uma aprendizagem baseada na realidade, se o ensino não está adequado à realidade na qual o aluno está inserido. O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que foi realizada através do PIBID. E tem por objetivo entender a importância da experiência de sala de aula para a formação de professores (experiências do PIBID e do Estágio Supervisionado). E a implantar novas metodologias de ensino e inserir novos instrumentos de trabalho para dinamizar as aulas. Para a formação desse trabalho foi seguido algumas etapas básicas, assim como a pesquisa bibliográfica em artigos, revistas científicas e livros com a intenção de alicerçar o referencial teórico e metodológico. A pesquisa empírica foi abordada pelo PIBID em escolas públicas de Guarabira – PB.

**PALAVRAS CHAVE:** PIBID, Recurso didático, Formação inicial de professores.

## **043 – GEOGRAPHY**

**TITLE:** An analysis of contributions PIBID in initial teacher of Geography

**LINE SEARCH:** The teaching of geography in school. Elementary and Middle School.

**AUTHOR:** Hileanna Karla Barbosa Bernardes

**GUIDANCE:** Maria Juliana Leopoldino Vilar

**EXAMINERS:** Francisco Fábio Dantas da Costa  
Antônio Gregório da Silva

### **ABSTRACT**

Teaching geography in Brazil and spent undergoes several transformations during its historical trajectory. The human being to be a transforming agent of the environment they live in, it is subject to constant changes in their society. These changes are carried out through the changes that were occurring with the community itself throughout history. People now have the need for a critical knowledge in order to recover the rights and duties in the social sphere. Just as society evolves, education is what is appropriate to the needs required by the population. Therefore, it is feasible that there may be a learning grounded in reality, if the teaching is not suited to the reality in which the student is inserted. This work is the result of a survey that was conducted through PIBID. And aims to understand the importance of the classroom experience for teacher training (PIBID experiences and Supervised). And to implement new teaching methodologies and insert new work tools to streamline classes. For the formation of this work was followed a few basic steps , as well as literature in articles, journals and books with the intention of supporting the theoretical and methodological framework . Empirical research has been addressed by PIBID by the public schools in Guarabira - PB.

**KEY WORDS:** PIBID, Teaching Resources, Professor of Geography; Initial teacher.



## LISTA DE GRÁFICO

|                   |   |    |
|-------------------|---|----|
| <b>GRÁFICO 1:</b> | Disciplinas referentes à geografia..... | 28 |
|-------------------|---|----|

## SUMÁRIO

### LISTA DE GRÁFICO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>3</b> | <b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>  | <b>13</b> |
| 3.1      | Processo histórico do ensino de Geografia no Brasil.....   | 13        |
| 3.2      | O ensino da geografia na educação superior .....   | 23        |
| 3.3      | UEPB entre a teoria e a prática: os objetivos do PIBID no curso de licenciatura em Geografia.....  | 26        |
| 3.3.1    | Universidade com a Teoria.....   | 27        |
| 3.3.2    | PIBID com a prática.....   | 29        |
| <b>4</b> | <b>UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA.....</b> | <b>30</b> |
| 4.1      | PIBID: uma proposta metodológica – Planejamento.....   | 30        |
| 4.2      | Conhecendo a realidade local e propondo atividades.....  | 33        |
| 4.3      | A relação entre a teoria da universidade e a prática do PIBID.....                                 | 35        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>37</b> |
| <b>6</b> | <b>REFERENCIAS.....</b>  | <b>39</b> |
|          | <b>ANEXO.....</b>  | <b>40</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Falar, atualmente, sobre o ensino da geografia no Brasil significa pensar nos problemas enfrentados por ele. Problemas estes que são repetitivos e antigos, muitos deles estão ligados à formação dos professores e a metodologia utilizada pelos mesmos nas suas salas de aulas.

O mundo está em constante mudança e assim como ele, é preciso mudar a metodologia de ensino também. Pois, é necessário está atualizado e adequado as realidades da atualidade que somos inseridos. Com isso, o ensino de geografia passou por diversas transformações no decorrer de seu percurso histórico no Brasil, para que pudesse adequar-se a realidade e tornar as pessoas cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Desse modo, o ensino de geografia no Brasil passou por diversas modificações no transcorrer de sua história. Houve três fases que foram importantes e fundamentais, que até hoje deixam marcas.

A primeira foi a Geografia Tradicional ou Clássica, onde o conhecimento era pautado nos estudos decorativos, todo o ensino se baseava na memorização dos assuntos. A segunda era a Geografia Quantitativa ou Moderna, nela só se preocupava com a quantidade e não com a qualidade e o ensino era direcionado a uma ideologia nacionalista patriótica, ensino fundamentado no que a classe dominante queria. E a terceira e última fase, a que estamos atualmente é a Geografia Crítica, onde o homem passa a ser um agente transformador na produção e conscientização do saber geográfico, estando mais próxima das realidades sociais vivenciada.

Essas alterações se deram por meio das modificações que acompanharam a própria sociedade no transcurso da história. Sendo a geografia, uma disciplina que tem o objetivo de estudar, interpretar e compreender o espaço geográfico, foi preciso se adaptar as novas necessidades que a sociedade apresentava e ainda apresenta. Então, novos parâmetros educacionais foram inseridos para adequar e atualizar o ensino com métodos mais eficazes.

Neste sentido, os professores que na maioria das vezes tem uma formação pautada só em teorias, quando vão enfrentar as realidades encontradas no dia a dia sofrem um pouco com as dificuldades sem saber como lidar e resolver os problemas

e com isso acabam entrando na mesmice que eles mesmos passaram um dia no ensino fundamental e médio.

Um ensino tradicional e diretamente ligado ao livro didático. Sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento crítico do aluno. Um ensino que tanto foi criticado na formação acadêmica, mas acaba sendo utilizado por não saber como lidar ou associar a teoria com a prática de sala de aula.

Esse trabalho tem por objetivo principal entender a importância da experiência de sala de aula para a formação de professores (experiências do PIBID e do Estágio Supervisionado).

Assim como, os objetivos específicos são incentivar aos futuros profissionais a inserir novos instrumentos de trabalho para dinamizar as aulas, a fim de que os alunos não se sintam cansados em estar ali estudando; a formação e capacitação dos profissionais; e promover a construção do conhecimento, dentro de um espaço de ensino-aprendizagem relacionando a realidade do aluno.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os métodos mais apropriados para esta pesquisa é o de interpretação, que se caracterizou pela utilização do critério de classificação de pesquisa sugerido por Mendonça (1998) no qual discute o problema metodológico aplicado em geografia. Tratando-se de uma pesquisa exploratória uma vez que busca descrever elementos que apontam sobre o ensino de geografia atualmente, sobre a formação de professores.

As pesquisas descritivas têm por objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer as relações entre variáveis (GIL, 2007).

Assim foram utilizados diversos elementos no proceder da execução deste projeto de pesquisa. De início foi seguido algumas etapas fundamentais para o bom desenvolvimento, tais como a pesquisa bibliográfica em artigos, revistas científicas e livros com a finalidade de alicerçar o referencial teórico e metodológico.

Em pesquisa de campo teve como procedimento metodológico as experiências de um ano e meio do PIBID e também os períodos de estágio supervisionado I e II (observação e regência). Visto que, as experiências do PIBID foram de fundamental importância para o diagnóstico do ensino de geografia e análise das contribuições do programa para o ensino e para a prática inicial do professor de geografia, que foram fundamentais para fazer a análise documental.

Essa pesquisa foi realizada nas seguintes instituições de ensino: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo e Escola Estadual de Ensino Fundamental Antonio Benvindo, todas localizadas na cidade de Guarabira-PB.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Processo histórico do ensino de Geografia no Brasil

O ensino de geografia no Brasil exerce grande importância para a vida na sociedade. Pensar em geografia nos remete a pensar em todo um conjunto de fatores que influenciam a vida das pessoas, tanto fatores naturais quanto sociais. Desse modo, ao observarmos os passos dados pela humanidade ao longo do tempo, desde sua origem até os dias atuais poderemos perceber o quanto as pessoas evoluíram.

Com a geografia não foi diferente, ela passou por alterações fundamentais, visto que ela é uma disciplina e/ou ciência que é responsável pela leitura da vida política, econômica, ambiental, cultural, religiosa, enfim toda uma estrutura social. E para que ela estivesse apta a essa leitura é preciso que houvesse mudanças voltadas para o acompanhamento das necessidades da população. E assim entender melhor o mundo e o seu processo de transformação. Desse modo, afirma Pontuschka:

O espaço geográfico, mundializado pelo capitalismo, tornou-se complexo e as metodologias propostas pelas várias tendências da Geografia tradicional não eram capazes de apreender essa complexidade. Novas metodologias deveriam surgir para empreender tal tarefa. (PONTUSCHKA, 2009, p. 51)

Todas essas transformações e ações humanas estão inseridas no espaço geográfico fazem assim parte do estudo da geografia. Então, antes de se pensar em estudar geografia como ciência e/ou disciplina já se fazia geografia.

Segundo Kaercher (2003), o conhecimento geográfico é, essencialmente, o conhecimento empírico do seu espaço feito pelo homem diariamente. Pois, reconhecer o espaço geográfico circundante era e é indispensável para a sobrevivência. Assim, o homem faz o seu espaço diariamente e nem por isso acha que está fazendo geografia. E muito menos se põem a pensar sobre ele.

O conhecimento mais detalhado espaço geográfico se deu com os chineses e a partir de então foi se ampliando com o passar do tempo. As grandes navegações, as expedições foram os primeiros exemplos de expansão do conhecimento geográfico. Assim afirma Pontuschka:

Houve, nos últimos 3 mil anos, extraordinário acúmulo de conhecimentos geográficos, de origem empírica ou científica, que se desenvolveram desde as primeiras cartas e descrições produzidas na China. No entanto, o conhecimento foi significativamente ampliado com as grandes descobertas marítimas, e a institucionalização da Geografia, no chamado mundo ocidental, somente ocorreu com as expedições científicas pela África, América e Ásia sob o respaldo das associações geográficas e das academias europeias, que sistematizaram as informações coletadas pelos cientistas em suas viagens pelo mundo. (PONTUSCHKA, 2009, p. 39 - 40)

Assim, a Geografia como as outras ciências começaram a expandir junto a ampliação do capitalismo. Que desde o século XV já vinha se desenvolvendo, porém ganhou destaque em meados do século XVIII e XIX. Desse modo, afirma Andrade (1987, p. 46):

O desenvolvimento das ciências em geral e da Geografia em particular acelerou-se nos séculos XVIII e XIX, em consequência da expansão do capitalismo. O capitalismo comercial provocaria, a partir do século XV, grande expansão das navegações... . (ANDRADE, 1987, 46. Apud KAERCHER, 2003, p.66)

No final do século XVIII, a geografia já tinha qualidades para estabelecer-se como ciência. Porém, antes da geografia se tornar ciência ela passou por dois conflitos o principal deles foi se desvincular da história, onde entendia que tinha apenas a função de fundamentar com aspectos geográficos o contexto histórico, esse foi o principal impasse na transição do conhecimento geográfico expandir para ciência. E outro fato era a relação de natureza e o homem. Esses problemas foram sendo discutidos desde o século XIX até a primeira metade do século XX.

De acordo, Pontuschka (2009) houve no final do século XIX, as publicações de Alexander Von Humboldt (1769-1859) e de Karl Ritter (1779-1859), começando assim a base da Geografia científica pela Europa.

Ainda segundo Pontuschka (2009), Alexandre Von Humboldt foi considerado o pai da geografia, era um importante viajante e escritor e estudava a influência dos fatores naturais sobre a vida dos seres vivos. Em suas viagens obtinham informações meteorológicas, geológicas, hidrológicas, identificando e reconhecendo espécies da fauna e da flora catalogando-as.

Karl Ritter era um historiador e filósofo que apresentou uma obra de caráter metodológico, na qual definia o conceito de sistema natural e realizou estudos comparativos entre regiões diferenciadas tentando explicar as diversas formas de ocupação do território.

Nesse mesmo período Karl Marx avaliava o sistema capitalista, sua expansão e a relação do homem com a natureza. Onde o homem transformava o meio ambiente em função de rápida acumulação do capital.

Friedrich Ratzel, antropólogo e geógrafo alemão, foi o responsável pela propagação das ideias deterministas. Definia o objeto da geografia como o estudo da influência que a natureza (condições naturais) tinha sobre o homem. Alimentava a ideia que os fortes prevaleciam sobre os fracos. Considerava que o homem era determinado pelo meio, era produto do meio. Suas ideias tiveram grande aceitação na época expandindo-se pela Alemanha e Estados Unidos. Com esse pensador a luta pela existência torna-se a luta pelo espaço vital.

Vale salientar que, no decorrer do século XIX o centro da discussão da Geografia era concentrada na Alemanha e apenas no final do mesmo século é que os franceses encontraram seu espaço com o pensamento geográfico.

Vidal de La Blache foi o percussor da Geografia na França. E desde então passou a ser introduzida como disciplina em todas as séries do ensino básico. A partir de então foram surgindo às cátedras e os institutos de geografia para formação de professores da disciplina (PONTUSCHAKA, 2009, p. 44). As ideias de La Blache e de seus seguidores hoje são classificadas por geografia tradicional.

Segundo Pessoa (2007), o estudo de geografia quando chegou ao Brasil era pautado na geografia de outros povos, e não dava nenhum valor à realidade brasileira, os padrões europeus moldavam todo o sistema educacional.

Ainda de acordo com Pessoa (2007), só por volta do século XIX, que o ensino de geografia no Brasil começou a sofrer as primeiras alterações. Em 1817, foi editado o primeiro livro didático de geografia, a Chorographia Brasílica de Padre Manuel Aires de Casal, era uma geografia extremamente metódica de caráter descritivo e superficial, não tinha nem um espírito crítico, também não acompanhava as discussões científicas da época.

Aos poucos o que foi produzido nas escolas francesas passou a ser reproduzido no Brasil pelos licenciados. Assim, a ciência geográfica no Brasil sofreu



grande influência da europeia com uma evidência na presença da francesa. Aroldo de Azevedo foi um dos grandes percussores da geografia no Brasil, pois seus livros foram adotados nas escolas brasileiras, entre as décadas de 50 e 70 do século XX.

Na metade da década de 50 a Geografia Tradicional procurava abranger o espaço geográfico como meio de relação homem e natureza. Só que depois começou a ser questionado pelos geógrafos pelo mundo e logo foram à busca de novos paradigmas.

A ciência geográfica começou a desenvolver, em 1934, com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) e em 1946, com o Departamento de Geografia. Onde tiveram um papel fundamental na formação de licenciados para o ensino da disciplina no Brasil. Ao mesmo tempo foi fundada a AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros, na qual até os dias atuais a AGB tem respectiva importância para todos os geógrafos que deseja ingressar no meio de produção de conhecimento geográfico e/ ou ensinam a geografia.

Antes da FFCL/USP, não existia no Brasil nenhuma outra universidade que houvesse o curso de Bacharel ou o de Licenciado em Geografia. Porém, existiam professores que lecionavam essa disciplina nas escolas, assim como outras disciplinas. Eram pessoas sem formação na área, tais como: advogados, engenheiros, médicos e seminaristas, que transmitia o que havia aprendido em sua época de estudou – o que na maioria das vezes era conhecimentos geográficos de outros países e não do nosso país e utilização livro que não eram produzidos por geógrafos.

Assim afirma Pontuchka, 2009:

A Geografia, no antigo ginásio, até a época da fundação da FFCL/USP, em 1934, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos. Esses expressavam geralmente o que foi a ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades etc. A memória era a capacidade principal para o estudante sair-se bem nas provas. (PONTUCHKA, 2009, p. 46)

Era uma geografia decorativa sem perspectiva de ensino. Como se tudo que deveria aprender fosse necessário decorar. O período que antecedeu a ciência geográfica no Brasil teve importantes produções para a geografia, as pesquisas

eram feitas pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, que existia desde 1886. Esse período era chamado por Pontuschka a “pré-história da geografia” no País, pois, o ensino era baseado em pessoas que não participavam do quadro de profissionais da área. Tinham, assim, uma baixa qualidade nos conteúdos, ditos geográficos.

Mas, no Brasil, só se efetivou o ensino de ciência geográfica a partir de 1930, onde tinha uma formação mais específica. Alterando o perfil do professor de geografia, na qual era mais preocupado com a transformação cultural. Porém, ainda se encontrava veiculada com a História. Apenas em 1957, que foi desmembrada, por conta das quantidades de trabalhos de natureza geográfica.

Para Vesentini (2004) à criação do imperial Colégio de Pedro II, em 1837, localizado na antiga sede da Corte Imperial foi de fundamental importância para a disciplina de geografia, como está mencionado a baixo:

A presença do ensino de geografia na distribuição das disciplinas que compõem a estrutura curricular do Colégio Pedro II é extremamente importante, na medida em que essa escola foi fundada tendo em vista a definição de um padrão do e para o ensino secundário de todo o país. (...) Geografia (e história) fazia (m) parte dos exames para as faculdades de direito desde 1831, o que certamente contribuiu para a sua inclusão no Colégio Pedro II. (VESENTINI, 2004, p.189-190)

Conforme Pessoa (2007), Tomaz Pompeo editou um livro, “Geografia geral e do Brasil”. O ensino deste livro era baseado no método dialogístico, que como o próprio nome já diz lembra diálogo entre o mestre e o seu discípulo, com o objetivo de facilitar a memorização. Esse período ficou conhecido como Geografia Clássica ou Tradicional.

Ainda segundo Pessoa (2007), as marcas deixadas pelo Colégio Imperial Pedro II, em 1837, foram profundas a ponto de terem se prolongado pela República. E se pararmos para analisar não tinha muita diferença do ensino de hoje, pois muitos professores ainda estão com esse método descritivo, mnemônica, enfim, um ensino tradicional visando o método decorativo.

De acordo com Vesentini (2004), Delgado de Carvalho, no início do século XX, publicou um livro, “Geografia do Brasil, tomo I, Geografia Geral”, com esse livro didático Delgado faz críticas no que até então era considerado geografia – que estava muito distante da geografia científica. Suas críticas foram baseadas na

concepção geográfica tradicional. Foi a partir desse período, 1920, que a disciplina geográfica tomou outro rumo, com características modernas e atualizadas seguindo a realidade da época.

Segundo Pontuschka (2009), Delgado de Carvalho foi um grande intelectual, formado por universidades europeias, participou de debates educacionais dos anos 20. Foi diretor do Colégio Pedro II e integrou grupo executivo que reformulou os programas de ensino no Distrito Educacional Federal. Produziu obras científicas, didáticas e metodológicas no campo das ciências sociais.

Delgado foi o primeiro a discutir a urgência da Geografia a se tornar uma ciência. Fez várias críticas ao ensino de geografia do Brasil, que era baseado na memorização, na nomenclatura. Segundo ele era com o conhecimento do país que se poderia chegar ao verdadeiro valor do conhecimento geográfico. Fez propostas de ensino para a geografia, onde o território fosse estudado por meio de regiões naturais e questões relativas à sociedade brasileira.

Delgado foi o mediador da Geografia Moderna. Porém, o ensino da geografia moderna era baseado em uma ideologia de nacionalismo patriótico, onde as pessoas tinham que amar a sua pátria, o ensino era baseado no que a classe dominante queria que eles soubessem, mascarando assim, o verdadeiro estado das coisas.

Para Vesentini (2004), “Aroldo de Azevedo é indissociável do processo de instituição universitária da ciência geográfica no Brasil”. De acordo com Pessoa (2007), “o professor Aroldo se destacou em razão pela repercussão nacional alcançada pelos livros didáticos”. Ele valorizou a descrição, comparação e a análise das paisagens e suas classificações. Nessa época, foi adotada uma metodologia funcionalista, positivista, sem compromisso de relacionar a ciência com a realidade social. Esse modelo que foi adotado pelo professor não incentivou discussões metodológicas.

Ainda segundo Pessoa (2007), no período da Geografia Moderna surgiu o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – na qual, foi o pioneiro em apresentar trabalhos de caráter geográfico na perspectiva da quantidade, em métodos matemáticos. Porém essa corrente foi criticada. Pois, alegavam que essa tendência teórico-quantitativa não apresentavam os caminhos que abrangessem a compreensão explicação do espaço geográfico. Diziam que era uma abordagem

mais tecnicista, na qual encobria questões como a políticas, sociais e econômicas presentes no espaço geográfico.

Na década de 70, sob o regime militar, levaram as escolas livros com saberes geográficos bastante empobrecidos. Na qual tentavam disfarçar e encobrir a realidade brasileira. Na década de 80 e 90, os teóricos de orientação marxista influenciaram muito nessa época. Porém, a Geografia teórica não teve aceitação pelas escolas de educação básica (antigo primeiro e segundo grau).

E por última e a atual fase a Geografia Crítica, agora eis a principal questão, será que esta fase é realmente crítica? Será que é essa geografia que realmente as escolas ensinam?

Marx e seus seguidores afirmavam que só a perspectiva de transformar o mundo permitia sua compreensão, somente a visão crítica era apropriada para apreender a essência e o movimento dos processos sociais.

A(s) Geografia(s) Crítica(s) surgiu em meados da década de 1970, numa perspectiva internacional. Essa nova geografia que se opõem as outras – Geografia Clássica e Geografia Moderna. Opondo-se a classe dominante aos interesses político-ideológicos e as relações que a ciência tem com o social, com a realidade.

Yves Lacoste sustenta que a geografia subdivide-se em duas formas a Geografia dos Estados-Maiores e a Geografia dos Professores. Conforme afirma Pessoa (2007, p. 60):

Em sua obra clássica, Yves Lacoste, sustenta que a geografia subdivide-se em duas formas, a saber: a “Geografia dos Estados-Maiores” e a “Geografia dos Professores”. A primeira se caracteriza como sendo de intensa utilidade para os estrategistas militares e para o controle do planejamento do Estado através das classes dominantes e na concessão de benefícios para as transnacionais e os grandes grupos econômico-financeiros. A segunda se caracteriza com base num discurso resultante de abstração, obscuro, vago, dificilmente compreendido, descritivo e cansativo, sobretudo dissimulador ideológico e político das benéficas que os detentores do poder granjeiam através do domínio da organização das estruturas e produção do espaço.

Pode-se dizer que os pressupostos principais dessa renovação no saber geográfico baseiam-se na criticidade e no engajamento. Assim como afirma Vesentini (2004, p.223):

*Criticidade* entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico - que não omite as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E *engajamento* visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais. A produção geográfica até os anos 70, afirma-se – embora admitindo exceções: Réclus, Kropotkin e outros –, sempre tivera uma pretensão à neutralidade e costumava deixar de lado os problemas sociais (e até mesmo os ambientes, na medida em que, em grande parte, eles são sociais), alegando que “não eram geógrafos”.

De acordo com Pontuschka (2009), surgiram, na década de 80, tendências críticas que apresentavam o materialismo histórico como elemento unificador e método de investigação da realidade, buscando superar os diferentes dualismos sempre constatados na Geografia.

Ao longo da década de 90, foram surgindo novas tendências. E hoje o quadro é muito vasto e amplo. A fim de que tenha uma produção do conhecimento científico geográfico com bastantes variações podendo assim fazer uma maior análise crítica.

Na Geografia Crítica o professor tem um papel fundamental. Ele tem que ser crítico e /ou construtivista, para que incentive o aluno a pensar criticamente sobre os assuntos. Nesse ensino o bom professor é aquele que aprende ensinando, ele ajuda a aprender, e não apenas reproduz o que já está pronto, mas produz um saber na atividade educativa proposta.

É a Geografia Crítica então cada vez mais próxima das realidades sociais vivenciadas pelos alunos, levando sempre em consideração o que o aluno já sabe para depois partir com a teoria, pois ninguém sabe tudo e os conhecimentos se completam. Assim, faz com que o aluno pense e não apenas escute e obedeça, mas que participe e se pergunte o porquê deve obediência, o porquê das coisas.

Desse modo, tornando as pessoas mais dignas de seus direitos e deveres, fazendo com que participe do exercício da cidadania. Que saibam a relação que há da ciência e/ou disciplina geográfica com a realidade de cada um, com os problemas de sua época e lugar. E, dessa maneira, poder cobrar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Conforme Pessoa (2007), “a virtude do pensamento crítico na geografia está na forma de compreender para depois planejar, projetar e possivelmente transformar

o mundo em que vive a partir do lugar de origem”. É a partir dessa geografia, desse ensino que se pode modificar tudo que está a nossa volta, o mundo de modo geral.

Na década de 70 enquanto as universidades já se encontravam em busca de novos paradigmas, a geografia escolar, nas escolas de primeiro e segundo graus, enfrentavam um obstáculo ocasionado pela Lei 5692/71, pois nela instituiu a criação de Estudos Sociais com a eliminação de História e Geografia da grade curricular. Essa mudança contribuiu para causar danos a formação de toda uma geração de estudantes. (PONTUSCHKA, 2009). Essa foi uma legislação imposta de forma autoritária.

Estudiosos da época já alertavam aos professores para um grande problema que era a junção das duas disciplinas, Geografia e História. Ele afirmava que os Estudos Sociais apresentavam assuntos difusos e mal definidos.

Balsan (1974), (*apud* PONTUSCHKA, 2009), dizia que faltava contextualização de Estudos Sociais, apesar de professores perceberem que História e Geografia, eram concebidas em sentido tradicional, não davam por tanto, conta do valor da construção de uma nova escola e do papel que a mesma deveria ter com as áreas de estudos.

De acordo com Pontuschka (2009), houve, porém, na década de 70 as escolas vocacionais e o antigo colégio de Aplicação um estudo diferenciado em Estudos Sociais, eles tinham dois professores ministrando as aulas, um de Geografia e outro de História para que garantisse a especificidade de cada disciplina e uma noção profunda sobre os temas abordados. Porém, essas escolas foram fechadas, pois o seus estudos eram uma visão mais próximo à realidade vivenciada e a época era proibido isso devido à ditadura militar.

A Lei 5.692, em 1971, onde Estudos Sociais passou a incorporar ao currículo das escolas designadas de primeiro e segundo grau, foi infinitamente criticada pelos geógrafos brasileiros. Segundo Pontuschka (2009), a AGB – Associação de Geógrafos Brasileiros – e a Anpuh – Associação Nacional de Professores universitários de História – auxiliaram com as críticas, com respeito a extinção dos Estudos Sociais.

Na década de 80, houve um movimento de renovação do ensino da Geografia que fez parte do chamado movimento de renovação curricular dos anos 80, o objetivo desse movimento era a melhoria do ensino, onde era necessário fazer uma

análise sob a forma de ensinar e aprender as disciplinas do ensino básico. E desde então, e principalmente a partir da década de 90, a formação de professores e o exercício profissional da docência foram alvos no cerne de discursões.

De acordo com Kaercher (2003):

Até recentemente, no Brasil, sobretudo no período do regime militar (pós 64), a Geografia positivista-descritiva reinou quase única em nossas salas de aula e nos livros escolares. Não seria difícil resumir a maioria dos livros didáticos de Geografia brasileiros. (...) (KAERCHER, 2003, p. 71)

Os Estados e Federações e os municípios, até a década de 80, elaboram as suas próprias propostas curriculares. E os autores dos livros didáticos baseavam-se na organização dos conteúdos oferecidos pelas Secretárias de Educação dos Estados e dos municípios na preparação de seus textos.

Porém, segundo Kaercher (2003), em meados da década de 80, em São Paulo, a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) organizou uma equipe de autores capacitados e envolvidos com a universidade, aos quais se propunham a elaborar os conteúdos e efetuar uma revisão metodológica na tentativa de enquadrar a Geografia Crítica.

A partir de então, foi havendo uma ruptura com o ensino tradicional da disciplina, onde foram apontados novos caminhos diferenciados de ensino. Pois os professores passaram a apontar os movimentos sociais e focar sobre a realidade social do País.

A geografia crítica surpreendeu os profissionais no Estado de São Paulo, porém, o impacto foi maior entre os outros estados do Brasil. Os professores de Geografia ficaram refletindo sobre a polêmica de: o que ensinar? Como ensinar? E como avaliar os conhecimentos geográficos nos diferentes níveis de ensino.

Mudanças significativas foram ocorrerem do no campo da educação nacional. Na década de 90, as propostas curriculares dos estados foram discutidas com o objetivo de gerar nova proposta, que ficaram conhecidas como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

A partir de então, o MEC começou a elaborar lei em cima das necessidades do país. Na qual, garantia a educação para todos e o respeito à diversidade cultural,

introduzindo também temas transversais, que podem ser abordados por várias disciplinas na perspectiva de urgência social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia passaram a propor um trabalho que pretende ampliar as capacidades dos alunos de observar, conhecer, explicar, comparar e representar os conteúdos. E já na segunda metade da década de 90, houve a última alteração no PCN, e nela foi proposta uma educação neoliberal que atingisse todo o território nacional.

### **3.2 O ensino da geografia na educação superior**

No final do século XIX, com o encadeamento da consolidação da escola alemã concedeu condições para o reconhecimento da Geografia como campo de conhecimento do sistema educacional, conquistando credencial pedagógica. Antes só era ensinada como matéria nas universidades e depois foi conquistando status de ciência acadêmica. Assim afirma Tonini (2003):

Nas últimas décadas do século XIX o processo da unificação alemã possibilitou uma das condições para o reconhecimento da Geografia como campo de conhecimento no sistema escolar, ou seja, a geografia ganhou sua credencial pedagógica. Anteriormente a esse contexto histórico ela já era ministrada em alguns cursos nas universidades como matéria. (...) a Geografia ainda não havia encontrado condições suficientes para alcançar o status acadêmico como as outras profissões, ou seja, não apresentava as credenciais intelectuais necessárias para isso. Foi por meio, novamente, da particularidade do contexto histórico alemão que foram geradas as condições de possibilidades para que a Geografia estabelecesse suas credenciais tanto em pedagógicas como intelectuais. (TONINI, 2003, p. 41)

Desse modo, a Geografia foi ganhando destaque enquanto ciência acadêmica, começando a expor características de academia. E foi exatamente na Alemanha onde foram criadas as primeiras cátedras nas universidades. Os objetivos dos cursos universitários eram especializar o corpo docente das escolas.

Na Alemanha, expandiu-se com os estudos de Friedrich Ratzel (1844-1904), que interpretava o meio físico como um elemento que interfere no modo de vida dos grupos humanos, na qual ficou conhecido como o determinismo. O segundo paradigma foi apresentado por Paul Vidal de La Blache (1845-1918), pai e fundador



da escola francesa de Geografia. Essa segunda proposta se opõem ao determinismo e ficou conhecida como o possibilíssimo.

A formação do professor de geografia estabelece uma questão crucial no contexto mais extenso de educação brasileira. Pois é a partir da formação que sairá um bom profissional. Para Pontuschka (2009), “os professores, via de regra, são vistos como profissionais despreparados, sem capacidade de gerir autonomamente os próprios saberes”.

No Brasil, a formação de professores remota da década de 30 do século XX, foi exatamente nesse período em que houve uma forte expansão da escolaridade em todos os níveis no país. No qual houve um modelo clássico de formação tradicional nesse profissional e que persiste até os dias atuais.

As características desse estudo se dão em dois grupos de estudos conjugados; um são as disciplinas técnica-científica, específicas de geografia, e o outro são as disciplinas didático-pedagógicas, referentes à formação de professores. Esse fato ficou conhecido como o “modelo 3 + 1”, que significa três anos de bacharelado com mais um de formação pedagógica, na qual inclui o estágio supervisionado, que recebe o nome de licenciatura.

Os cursos de bacharelado e licenciatura tem-se alicerçado, ao longo do tempo, como cursos afastados, com pouco ou nenhuma afinidade entre si. Nessa situação, segundo Pontuschka (2009), a licenciatura eclodiu com uma inferioridade, uma desvantagem em relação ao bacharelado.

A formação docente no país, no decorrer de muitos anos, constituiu a segunda posição educacional, da qual caracterizou um processo de desvalorização profissional. O ensino superior expandiu no Brasil pelas redes de ensino privatizadas. Assim, formava professores para educação básica, principalmente, para o setor público, essa formação docente era efetivada pela área privada de ensino superior.

Como o tempo eclode novas abordagens que vão à tentativa de valorizar os novos profissionais docentes. Na qual, se caracteriza por um modelo de formação que compreende o professor como um transmissor de conhecimento. Pontuschka afirma:

Os novos paradigmas de formação docente partem do reconhecimento da especificidade dessa formação e da necessidade

da revisão dos saberes constitutivos da docência, na perspectiva da emancipação do profissional. (PONTUSCHKA, 2009, p. 92)

Todavia, encontramos-nos num momento vigente e de transição que ora é marcado pelo modelo anterior e ora exercer influencia incerta dos novos paradigmas. Consequentemente, não se trata apenas de um curso de licenciatura com mera formação de professores, mas com condições necessárias para que realmente ponha em prática.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9.394/96 demonstrou no plano da formação de professores novos ambientes institucionais para esses fins e prevê que todas as etapas do ensino básico se deem por meio de nível superior. E no mesmo período de tempo foram decretado novos Parâmetros Curriculares Nacionais para todo o ensino básico e elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para todos os cursos superiores de graduação.

O novo modelo, da perspectiva do DCN para os cursos superiores conduziu para a implantação de linhas gerais capazes de designar um aglomerado de competências e habilidades que deverão constituir o perfil do profissional formado.

De acordo com Pontuschka (2009):

Segundo esse modelo, o elemento estruturante dos cursos passa a ser o projeto pedagógico, que deve ser elaborado pelas instituições formadoras de acordo com as competências e habilidades definidas pelas DCN para todas as áreas do conhecimento. São as competências e habilidades que orientam a seleção e o ordenamento dos conteúdos das diferentes áreas, os quais deverão ser contemplados nos projetos pedagógicos das instituições. Além disso, o projeto pedagógico deve prever atividades acadêmicas complementares, o formato dos estágios e as formas de avaliação. (PONTUSCHKA, 2009, p. 93)

Com isso, a construção das DCN para o curso de graduação se estabilizou o direcionamento da formação profissional para três categorias: o bacharelado acadêmico, o bacharelado profissional e a licenciatura. Dando assim, outro sentido para a licenciatura, conquistando uma integridade própria.

Ainda de acordo com o DCN para a formação dos profissionais da educação básica, são três os princípios norteadores para a boa formação. A primeira, a competência como concepção nuclear na orientação do curso. A segunda, a

coerência entre formação e exercício profissional. E por último, a pesquisa como elemento essencial nessa formação docente.

A formação do professor não se resume só em projetos, mas que esses projetos sejam postos em práticas em todas as universidades. Além disso, uma boa formação é fundamental quando se tem uma boa pesquisa. Quando um profissional sabe pesquisar, ele aprende a dialogar e a se expressar melhor.

### **3.3 UEPB entre a teoria e a prática: os objetivos do PIBID no curso de licenciatura em Geografia**

Os cursos de licenciatura tem um papel fundamental na formação dos professores. O curso de licenciatura tem que ser mais valorizado. E os estudos devem ser específicos para a sua área de atuação. Pois, muitas vezes o curso de Licenciatura é encarado como curso de Bacharelado, porém com algumas disciplinas que levam a docência.

O processo de formação do PPP (Projeto Político Pedagógico) é uma maneira de fazer um planejamento específico para a realidade a ser praticada. Desse modo, deve ser formado por cada instituição, a fim de requerer os conhecimentos e habilidades fundamentais às necessidades locais e para que a formação profissional tenha uma maior eficiência.

O PPP da Universidade Estadual da Paraíba, do Campus III de Guarabira, tem o seu Projeto formulado em 2012, pelo o quadro docente e secretários do departamento de Geografia. O objetivo principal é formar profissionais da Geografia capazes de refletir criticamente e acompanhar o dinamismo da própria construção do conhecimento, bem como as articulações sociais e físicas que estruturam a relação espaço-tempo/sociedade-natureza, adequando-se a vida as novas tecnologias.

Além, de construir um conhecimento geográfico a serviço da humanidade a partir da formação de profissionais capazes de analisar e intervir criticamente nas transformações da sociedade. E formar cidadãos que se comprometam com a ampliação e socialização do conhecimento geográfico nos diversos níveis educacionais e técnicos, que possam contribuir para o desenvolvimento científico

nacional, regional e local, particularmente do estado da Paraíba, seguindo os princípios do Desenvolvimento Sustentável.

Portanto, o Curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Campus III, Guarabira-PB, tem por finalidade formar e capacitar profissionais para exercer a docência em nível de ensino fundamental, médio e superior e promover o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada e comprometida com as prioridades do desenvolvimento local e regional. Dessa forma, os discentes deverão ser capazes de vivenciar a prática pedagógica com base na observação e na atuação democrática, adaptando-se às novas tecnologias e à dinâmica da produção do espaço.

### **3.3.1 Universidade com a Teoria**

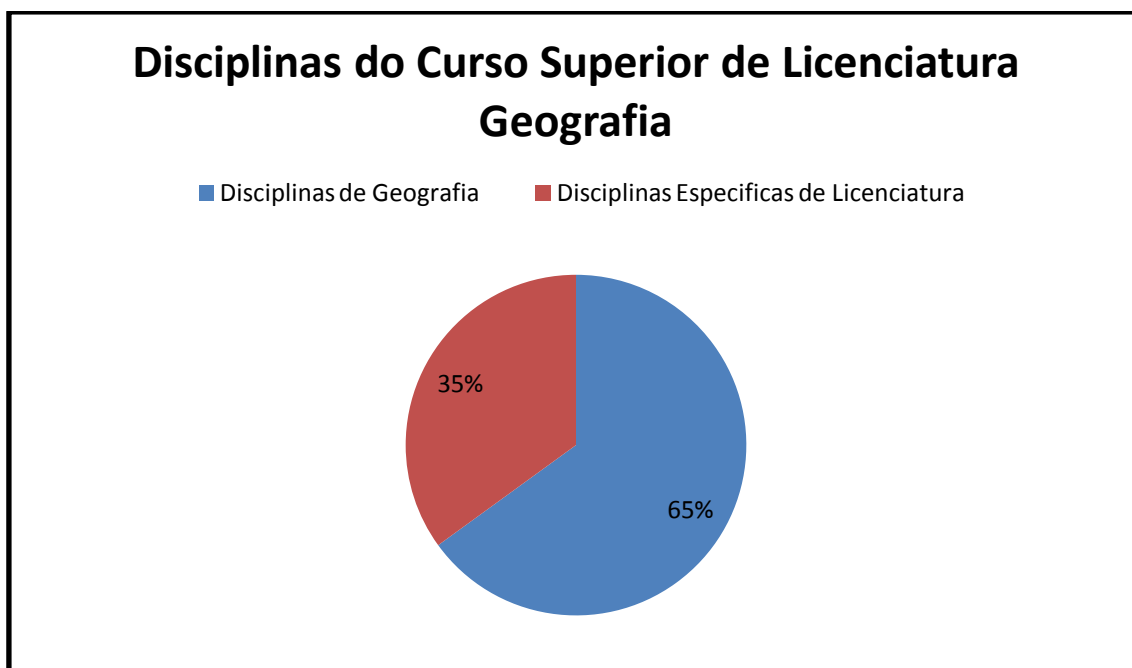
As universidades, de modo geral, tem a função de capacitar e especializar profissionais nas diversas áreas. E, com o curso de licenciatura não é diferente. Porém, ocorre que a universidade só entra com os recursos de teoria e deixam a desejar a com relação à prática.

Por exemplo, a grade curricular deveria abranger os conteúdos mais adequados ao futuro profissional licenciado, sendo mais específica para com as disciplinas acadêmicas explícita para professores de Geografia. Na UEPB, de Guarabira, tem 32 (trinta e duas) disciplinas (observe no quadro em Anexo).

A partir daí, podemos analisar as respectivas disciplinas que são trabalhadas no ensino superior de licenciatura plena em geografia na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira, e quais dessas são específicas para o ensino de licenciatura em geografia.

Ao examinar a grade curricular de disciplina da UEPB, foi diagnosticado que está bem específica e dividida para tentar atender as expectativas do ensino de licenciatura. Pois, das 32 cadeiras do curso 12 refere-se ao curso de licenciatura e 20 estão ligadas diretamente à geografia.

Observe a baixo o gráfico que deixa detalhada a porcentagem específica referente à grade curricular do curso de licenciatura em geografia.



**Gráfico 1:** Disciplinas referentes a geografia

**Fonte:** Elaborado pela autora

Logo, vemos um número maior no quadro de disciplinas específicas da geografia. Porém, essas cadeiras são inseridas para que o futuro professor da área deva conhecer um pouco mais detalhado sobre o seu âmbito de trabalho. Todos esses componentes, desde as específicas de geografia até as de licenciatura, são inseridas juntas ao início do curso. Para que, assim, o futuro docente perceba a diferença do curso de licenciatura para um de bacharelado.

Só que mesmo assim, ainda há um grande entrave com relação ao ensino de Licenciatura de Geografia. Pois, os cursos de licenciatura de modo geral são trabalhados com a teoria e, dentre as 32 disciplinas uma ou duas tem uma relação direta com a realidade de sala de aula que o futuro licenciado irá encontrar no seu dia a dia.

Esse é um dos motivos de muitos profissionais recém-formados não assumirem, desistirem ou se desestimular com o ensino. Pois, na teoria é tudo muito fácil, prático e simples. Porém, na realidade não é bem assim. É difícil lidar com cabeças diferentes, com pensamentos diversos e com realidades distintas.

Deveria haver no curso de licenciatura algo mais prático para os futuros profissionais se encontrarem com a realidade que lhe virá pela frente. Visto que, o estágio supervisionado é alguns encontros que às vezes não possibilita o futuro docente perceber a verdadeira realidade.

Pois, o estágio na licenciatura nada mais é do que algumas aulas numa determinada série do ensino fundamental e depois no ensino médio (observação e regência). Mesmo assim, ainda é pouco, visto que no estágio só tem acesso a uma turma e um professor atuante tem várias turmas, assim não faz apenas um plano de aula para uma única turma e sim para muitas. E, às vezes trabalham em mais de uma escola para ter uma remuneração maior. O que muitas vezes acaba deixando a desejar em algum deles. Então muitas aulas são levadas de qualquer jeito, sem muitas vezes terem um planejamento específico.

Outro fato é que, no estágio, o futuro docente não aprende a lidar com o seu material de trabalho que é a cadernetas. Assim, ele fica em dúvida de como registrar uma aula, o que deve ter naquele pequeno espaço entre outras coisas mais. Pois é, um curto tempo que não dá para compreender toda uma dinâmica de instituição escolar.

### **3.3.2 PIBID com a prática**

O PIBID – Programa de Institucional de Bolsista e Iniciação a Docência – como o próprio nome já diz é um programa que incentiva a formação inicial do professor, fazendo com que os alunos bolsistas tenham uma experiência em sala de aula. É um método que foi desenvolvido pelo Ministério de Educação que procura acatar as atribuições legais da CAPES (Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo é incentivar a formação docente para a educação básica, levando os acadêmicos que escolherem pela carreira docente a contribuir para uma didática de caráter inovador, através de novos planejamentos que norteiam a educação.

Esse programa é importante pelo fato de valorizar e incentivar o curso de licenciatura de iniciação a docência. É fundamental, pois é onde o acadêmico fortalece o seu conhecimento crítico em conexão com a educação. E ainda desenvolve pesquisas visando melhorar no ensino público brasileiro. Assim sendo, incentiva o acadêmico a seguir a profissão que escolheu e através das pesquisas feitas por esses alunos, e ainda tenta melhorar a educação do Brasil.

O PIBID se baseia no fortalecimento de graduandos que possam contribuir de maneira significativa na vivência da escola, agindo de forma recíproca na construção

do conhecimento. O PIBID vem contribuir para a inserção desses alunos na realidade escolar, entendendo da grande importância de intervenção nas escolas públicas da cidade de Guarabira e estabelecendo uma estreita ligação com a Universidade Estadual da Paraíba.

Desse modo, o PIBID é uma forma de colocar na prática o que foi visto na universidade, porém, só como teoria. E essa é uma oportunidade de por em prática, a vivência e realidade de sala de aula de certa forma da escola também.

Nesse programa envolve todo um quadro de profissionais que trabalham em equipe e beneficiam-se. E como um todo, quem sai ganhando é o ensino básico do brasileiro. Pois, são envolvidos professores do ensino básico, nesse caso da disciplina de geografia, estudantes de licenciatura, prestes a se formarem que visam uma prática educacional, e os alunos que são beneficiados com um ensino diferenciado e qualificado, envolvendo a pesquisa.

#### **4 UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA**

O PIBID tem uma importantíssima função na formação de professores, tanto formação inicial quanto a formação continuada. Pois, é a partir desse programa que o futuro profissional começa a ter uma prática de sala de aula, conhecendo a rotina de uma escola, assim como o professor supervisor passa a ter uma avaliação e adequação às novas metodologias e dinamizar as aulas, que podem facilitar o ensino-aprendizagem, tendo assim uma formação continuada na práxis.

Os objetivos do PIBID são incentivar a formação de professores; valorizar o magistério; inserir integrações entre educação superior e educação básica; proporcionar caráter inovador e interdisciplinar; elevar ações educativas; incentivar escolas públicas e contribuir para a elaboração da escola pública.

##### **4.1 PIBID: uma proposta metodológica - Planejamento**

O programa de iniciação a docência tem um planejamento específico a realidade local que está sendo inserido e bem detalhado de como se deve trabalhar em sala de aula.

Assim, o PIBID vem cooperar para coadjuvar os alunos na realidade escolar, percebendo da ampla importância de intervenção nas escolas públicas da cidade de Guarabira e estabelecendo uma estreita ligação com a Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Desse modo, dando significado ao tripé que é Universidade, pesquisa e extensão, expandindo tudo para o contexto da escola, mostrando que a escola pode andar em comunhão com a universidade.

Para essa integração foi proposto no subprojeto do PIBID de Geografia as seguintes atividades:

- Formação de grupo de estudo na universidade para fazer uma releitura das teorias metodológicas que norteiam o ensino da geografia, que servirão de base para a prática nas escolas e possíveis monografias de conclusão de curso, com base nas pesquisas levantadas nesse período;
- Formar grupos de discussão nas escolas, composto por diferentes sujeitos que norteiam o ambiente escolar (professores/supervisores, alunos, coordenador pedagógico) para analisar, propor e executar o projeto;
- Manter reuniões periódicas para analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais – Geografia – e o projeto político pedagógico da escola;
- A partir dessas discussões e conhecendo a real necessidade da escola, os graduados irão propor oficinas, minicursos, palestras que possam contribuir para minimizar as deficiências existentes na disciplina de Geografia no ensino fundamental e médio.

Essas propostas foram seguidas por ações que indicariam como se dariam o andamento das atividades em sala de aula. E teve também cada grupo um plano de trabalho, onde facilitaria as ações que foram previstas.

- Fazer uma releitura das linhas teórico-metodológicas, a fim de buscar uma maior aproximação entre a teoria e a prática de ensino;
- Discutir os Parâmetros Curriculares Nacionais – Geografia – que servirão de suporte para o planejamento das aulas que serão ministradas nas escolas públicas;
- Articular os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Geografia com atividade profissional;



- Discutir os projetos político-pedagógicos da escola e da licenciatura em Geografia, a partir das experiências vivenciadas durante a inserção dos alunos bolsistas na escola básica;
- Analisar criticamente propostas apresentadas pelos mais diferentes livros didáticos do Ensino Médio e Fundamental, verificando sua aplicabilidade, funcionalidade e importância para formação dos discentes;
- Inserir o lúdico nas atividades de ensino, utilizando o teatro, a música, a poesia, o cinema, entre outros, como elementos motivadores e facilitadores do processo ensino-aprendizagem;
- Planejar todas as etapas concernentes às aulas de Geografia que serão ministradas pelos alunos do Curso de Licenciatura em Geografia, quais sejam: planejamento e elaboração dos planos de aula e dos planos de curso, produção de material didático, elaboração e execução de atividades e exercícios, didática e explanação do conteúdo;
- Oferecer oficinas dos mais variados temas da Geografia (cartografia, meio ambiente, paisagem, entre outros);
- Ser capaz de elaborar e lidar com os diferentes metodologias e recursos didáticos para o ensino de geografia, no que se refere às suas possibilidades de usos;
- Elaborar um Projeto de Ensino a ser aplicado na rede pública.

Desse modo, a partir das ações poderá a chegar a resultados previstos no projeto. Tudo foi organizado com muito planejamento. Assim, mostrando para os alunos bolsistas do PIBID e para o professor supervisor a importância de um bom planejamento.

Entendendo que o planejamento é essencial na profissão de docente. Pois, é a partir do plano que se consegue direcionar a qual objetivo quer chegar com a aula, sem falar que com ele também o professor consegue relacionar o assunto com a realidade que é vivenciada pelos alunos. E indica também qual o meio de avaliação pode ser proposto com a aula.

No projeto foram indicados alguns resultados que são pretendidos através das atividades e ações que foram propostas, algumas delas são:

- Participação de três (3) professores supervisores nas escolas;

- Participação de bolsistas do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB Campus III;
- Adquirir experiência através de planejamento e execução de um projeto de ensino
- Participação da professora da UEPB na condição de orientadora de bolsistas e supervisores das escolas;
- Estudo e preparação de materiais didático-pedagógicos para o trabalho junto aos alunos das escolas pelos bolsistas e supervisores das escolas campo;
- Realização de oficinas e minicursos com bolsistas e professores supervisores das escolas campo;
- Trabalho formação inicial e continuada envolvendo ensino-pesquisa e extensão.
- Aprimoramento dos estudos teórico-práticos dos alunos do curso de Geografia;
- Realização de eventos envolvendo os bolsistas e a comunidade escolar.
- Registro e divulgação das atividades realizadas por meio de artigos e relatórios.

A partir das atividades e ações propostas foi elaborado o plano de trabalho, na qual foi organizado por cada grupo de bolsistas (um plano de trabalho por escola). Nos planos de trabalhos abrangem as atividades que foram propostas no decorrer do período de experiência do programa, as datas de cada uma delas, os objetivos e os produtos que seriam e foram alcançados com o PIBID na escola pública de ensino básico referente à geografia.

#### **4.2 Conhecendo a realidade local e propondo atividades**

A realidade hoje do ensino está um pouco em defasagem, pois, alguns professores do nível básico, em específico do fundamental II e ensino médio, estão mal acostumados a um ensino de decorar e de estudar só o que tem no livro didático como se todo o papel do professor fosse meramente de ler e falar sobre o assunto do livro. Sendo assim, o livro didático é para esse docente o único recurso mediador das informações para os alunos.

Mas, sabe-se que hoje temos uma gama de métodos e metodologia para seguir, principalmente quando se fala em tecnologia. Com isso, a tecnologia pode ser usada a favor da educação para que não se continue na mesmice de sempre, se fixando ao livro didático e ao quadro. Não estou querendo dizer aqui que não se deve usar o livro ou que não pode mais usar o quadro como recurso.

Pode sim usar o livro, o quadro como recursos em sala de aula, porém, que para diversificar um pouco as aulas é preciso que o professor seja antes de tudo tem que ser um pesquisador, que busque mais sobre o assunto que será abordado em sala de aula. Para não se reter ao livro didático. E, também para que os alunos se sintam atraídos e envolvidos pelo assunto que vai ser trabalhado no decorrer da aula.

Antes de ser aplicar uma nova metodologia na sala. Os alunos bolsistas do PIBID aplicaram umas questões para diagnósticos das turmas, assim como entrevistas e examine, através de observação das aulas do professor supervisor, a fim de compreender a realidade e poder, a partir da análise propor as atividades que seriam realizadas em sala.

Diante de algumas dificuldades encontradas, tanto na análise presencial como também da fala do professor supervisor, foram realizadas algumas reuniões para se pensar em atividades que pudessem dinamizar o conteúdo da disciplina de geografia na educação básica.

Uma atividade proposta foi trabalhar com slide ou/e com vídeos curtos e documentários falando sobre o assunto, para que as aulas possam realmente atrair o olhar observador do aluno. E fazer com que a aula de geografia não seja decorar nomes de rios, países, relevos e outras coisas mais.

Assim, que eles apreendam que a geografia é uma ciência que busca compreender o espaço geográfico. Espaço esse no qual estão inseridos os seres vivos e os elementos não vivos, no qual sofre constantes transformações, que pode ter sido consequências da ação humana ou da própria natureza.

É sempre bom que nas aulas seja trabalhado o assunto o mais próximo da realidade vivenciada dos alunos possível. Para que eles mesmos possam compreender o significado e a importância daquele conteúdo para a realidade dele e para o convívio social.

Outra proposta foi sempre ao término de um conteúdo aplicar uma dinâmica referente ao assunto como uma forma de avaliar o aprendizado dos educandos. E para eles se sentirem interessados a estudarem. Os alunos adolescentes e jovens gostam de coisas que chamam atenção, que seja diferente e que atrai.

No momento em que se fizeram atividades de pesquisa sempre organizar uma apresentação em forma de debate sobre o tema, na perspectiva de atrair a turma na participação. E quando for trabalhado com cartazes procurar expor o trabalho na escola para valorizar o aluno no que ele fez, pois, assim pode ser uma maneira de fazer com que ele melhore a sua pesquisa e possa expor melhor o seu trabalho.

Claro que para fazer um trabalho melhor com variações nos recursos é necessário que o professor esteja aberto para mudança por que não é fácil e é muito cansativo. Para o professor que ensina em duas ou mais escolas é necessário um tempo para ele possa pesquisar. Pois, o espaço geográfico esta em constante transformação e é preciso que o professor esteja bem atualizado do que está acontecendo para que não ensine algo que esteja fora do contexto contemporâneo.

Todavia, para que isso aconteça é de fundamental importância que o professor esteja aberto e preparado para tudo isso. Sem falar que também tem que este capacitado para usar a tecnologia ao favor da educação.

#### **4.3 A relação entre a teoria da universidade e a prática do PIBID**

A universidade faz o papel de ensinar a teoria que é bem aplicada e trabalhada, porém, muitas vezes não condiz com a realidade, pois fica a dúvida de onde inseri as teorias. Como relacionar as teorias com as práticas de sala de aula?

Em todo momento estamos encarando o grande desafio de relacionar a teoria e a prática, isso porque no decorrer do curso encontram-se componentes curriculares que devem servir de base teórica para prática docente.

O PIBID proporcionou a oportunidade de graduandos vivenciarem a prática no decorrer do curso, dedicando mais tempo para análise da teoria e atividades na educação básica. Eis algumas contribuições:

- Formação de grupo de estudo

- Caracterização do espaço escolar: conhecendo a realidade para intervir
- Observação de aulas
- Planejamento
- Intervenções
- Produção acadêmica

A formação do grupo de estudo se deu com uma melhor preparação na base teórica de práticas educacionais. Por exemplo, houve um preparativo maior para um grupo que estava com a modalidade EJA do ensino básico, pois pouco se sabia de como trabalhar nessa área. Mas, também esse grupo de estudo estava direcionado a pesquisas científicas para produção de trabalho.

Uma das primeiras atividades feitas pelos alunos bolsista do PIBID foi a caracterização do espaço escolar para saber como agir e preparar as aulas junto com a professora supervisora. E, nessa perspectiva sempre na tentativa de conhecer a realidade e interagir.

Logo após a caracterização foi observada as aulas da professora supervisora, a fim de identificar a metodologia trabalhada e analisar se os objetivos foram alcançados. Para que a partir daí sugerir novas metodologias adequadas para a realidade dos alunos.

Assim, foi seguido com planejamentos semanais. Tudo que foi observado era exposto para a professora e feito um planejamento das aulas da semana. Depois era analisado se as novas metodologias de trabalho estavam sendo bem aceitas pelos alunos e se alcançavam os objetivos da aula.

Em seguida, eram feitas intervenções em sala de aula para reforçar o assunto que tinha sido abordado pela professora, mas com o objetivo de demonstrar a professora como inserir e trabalhar as novas tecnologias a favor do ensino.

E por fim, tudo o que foi tido como experiências do PIBID, pontos positivos e negativos, serviram de relatos em trabalhos de científicos que foram apresentados em alguns eventos. Fazendo com que os alunos bolsistas não só tivesse a prática de ensino mais também tivesse o hábito de produzir trabalhos acadêmicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade encontrada na escola e na sala de aula é bem diversificada e difícil de ser encarada a primeira vista. Porém, o estágio supervisionado é uma chance de tentar entender um pouco do que pode ser encontrado em sala de aula. E o PIBID é uma ótima oportunidade para os futuros docentes desenvolverem um contato prévio com a escola e preparar-se para quando for assumir uma sala como professor (a).

Foi identificado que a experiência do PIBID é de fundamental importância para os cursos de licenciatura, e aqui em específico de geografia, pois, é onde pode se interagir com a escola, com o plano de aula e com metodologias que podem ser utilizadas no dia a dia.

O modo em que podem ser inseridas as novas metodologias e os recursos didáticos é fundamental para o desenvolvimento do aluno e para o relacionamento professor-aluno, a fim de que possa haver um entrosamento legal no debate entre professor e aluno, havendo assim uma estrada de mão dupla, como dizia Paulo Freire.

Porém, para que se façam aulas com metodologias diversificadas e atrativas é necessário que o professor tenha tempo de planejar adequadamente as suas aulas e se prepare. Além de ter que sempre se atualizar para o uso das tecnologias e ao mundo de transformações que estamos inseridos.

Deveria haver no curso de licenciatura algo mais prático para os futuros profissionais se encontrarem com a realidade que lhes virá pela frente. Visto que, o estágio supervisionado é alguns encontros que às vezes não possibilita o futuro docente perceber a verdadeira realidade.

Pois, a disciplina de estágio na licenciatura nada mais é do que algumas aulas numa determinada série do ensino fundamental e depois no ensino médio (observação e regência). Mesmo assim, ainda é pouco, visto que no estágio só tem acesso a uma turma e um professor atuante tem várias turmas, assim não faz apenas um plano de aula para uma única turma e sim para muitas. E, às vezes trabalham em mais de uma escola para ter uma remuneração maior. O que muitas vezes acaba deixando a desejar em algum deles. Então muitas aulas são levadas de qualquer jeito, sem muitas vezes terem um planejamento específico.

Em alguns casos ou em sua maioria, os recém-formados saem com pouco ou quase nenhuma prática de ensino. Isso porque a realidade é um pouco diferente com o que pode ser encontrado no estágio. Não estou querendo dizer que o estágio não tem sentido ou que não é necessário. Pelo contrário, o estágio é fundamental para a formação acadêmica, principalmente no que se refere à formação de professores.

Porém, o estágio supervisionado é uma curta experiência para sabermos como nos portar em sala de aula com os alunos. É pouco tempo para se ter uma verdadeira experiência em sala de aula. Outra questão é que no estágio só pega uma turma e só faz um plano por vez, e quando se trata de professor de nível fundamental ou médio cada um tem de cinco ou mais turmas, ou seja, vários planos e aulas por dia.

O PIBID é um programa que tem a capacidade de fazer os participantes vivenciarem a realidade de sala de aula. Onde fazem os planos de aula e as pesquisas para melhorar o aprendizado dos alunos. E também trás o uso de novas metodologias para o ensino. Desse modo, deixa a prática de sala de aula mais próxima dos alunos bolsista do PIBID.

Dessa maneira, todos ganham com esse projeto, visto que o professor supervisor pode se inovar com as metodologias que foram trabalhadas durante o programa. E os alunos são os que mais ganharão pelo fato de aperfeiçoar o ensino no Brasil e estarem diante da prática de ensino, onde tem a oportunidade de usar toda a teoria adquirida no curso de licenciatura.

Vale ressaltar, que os alunos do PIBID ganha uma bolsa de incentivo financeiro, onde tem a possibilidade de se dedicar mais ao ensino na universidade, na vida acadêmica.

## 6 REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisas Social. São Paulo: Atlas, 2007.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de geografia. 3 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 1999, 2003 reimpressão. 150 p.

MENDONÇA, Francisco. Geografia Física: Ciência Humana? São Paulo: Contexto, 1998 (Coleção repensando a geografia).

PESSOA, Rodrigo Bezerra. Um olhar sobre a tragédia de geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual. João Pessoa, 2007.

PONTUSCHKA, NídiaNacib; PAGANELLI, Tomokolyda; CACATE, NúriaHanglei. Para ensinar e aprender geografia. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Subprojeto de Licenciatura Plena em geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira-Pb. 2012.

Projeto Político Pedagógico – PPP (Reformulação Curricular). Curso de Licenciatura Plena em geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, no Campus III, Guarabira-Pb. 2012.

TONINI, Ivaine Maria. Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos. Ijuí. Ed. Unijuí, 2003. 88p.

VESENTINI, José Willian (org.). O Ensino de Geografia no Século XXI. – Campinas, SP: Paurus, 2004.



## **ANEXOS**

| <b>Nome do componente</b>                                  | <b>CH</b> |
|--|-----------|
| <b>FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO</b>                    | 120       |
| <b>PRÁTICA PEDAGÓGICA I</b>                                | 80        |
| <b>ANTROPOLOGIA CULTURAL</b>                               | 80        |
| <b>ESTUDOS CLIMÁTICOS E HIDROGEOGRÁFICOS</b>               | 160       |
| <b>TEORIA DA GEOGRAFIA</b>                                 | 80        |
| <b>ESTUDOS GEOLÓGICOS E GEOMORFOLÓGICOS</b>                | 160       |
| <b>MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA APLICAD. A GEOGRAFIA</b>       | 80        |
| <b>METODOLOGIA CIENTÍFICA</b>                              | 80        |
| <b>ESTUDOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS</b>                   | 160       |
| <b>ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA E CURRÍCULO</b>       | 80        |
| <b>PRÁTICA PEDAGÓGICA II</b>                               | 80        |
| <b>CARTOGRAFIA GERAL E TEMÁTICA</b>                        | 160       |
| <b>BIOGEOGRAFIA</b>  | 80        |
| <b>ESTUDO DOS ESPAÇOS: AGRÁRIO, URBANO E INDÚSTRIA</b>     | 160       |
| <b>REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO</b>                             | 160       |
| <b>HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL E DO BRASIL</b>                | 120       |
| <b>ESTUDOS INTEGRADOS DO MEIO AMBIENTE</b>                 | 80        |
| <b>METODOLOGIA DA PESQUISA EM GEOGRAFIA</b>                | 80        |
| <b>O PROCESSO DIDÁTICO: PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO</b>       | 80        |
| <b>PSICOLOGIA DO DESENV. E DA APRENDIZAGEM</b>             | 80        |
| <b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO</b>                    | 160       |
| <b>PROJETO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA</b>                    | 80        |
| <b>EDUCAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL</b>                         | 80        |
| <b>GEOGRAFIA DA PARAIBA</b>                                | 80        |
| <b>ESTÁGIO SUPERVISIONADO I</b>                            | 240       |
| <b>ESTÁGIO SUPERVISIONADO II</b>                           | 180       |
| <b>SEMINÁRIO TEMÁTICO</b>                                  | 20        |
| <b>ENERGIA MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL</b> | 60        |
| <b>GEOGRAFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA</b>                    | 80        |
| <b>PEDOLOGIA</b>   | 80        |
| <b>GEOGRAFIA DO TURISMO</b>                                | 80        |
| <b>OFICINA DE CARTOGRAFIA</b>                              | 60        |

| ATIVIDADE   | OBJETIVO   |
|---|--|
| Utilização de slides  | Utilizar os recursos tecnológicos presentes na escola, trazendo imagens e textos complementares.   |
| Análise e discursão do texto em grupo   | Proporcionar o debate e a construção do conhecimento de forma coletiva.  |
| Oficinas de cartografia   | Facilitar o entendimento dos alunos acerca das técnicas utilizadas na construção e leitura de mapas.   |
| Oficina Consciência Cidadã  | Discutir os direitos e deveres do cidadão e debater sobre a importância do voto.   |
| Subprojeto de Geografia da Paraíba  | (Re) Construir o conhecimento sobre a história e os aspectos geográficos da Paraíba.   |
| Cinema geográfico   | Incentivar o aluno a obter conhecimento por meios audiovisuais em assuntos inclusos no livro didático.   |
| Oficinas pedagógicas:<br><br>Estudo de mapas e regionalização do Brasil;<br><br>População brasileira. | Estudar com os alunos o mapa do Brasil a fim de entender as suas regiões, regionalizações e formação cultural e econômica;<br><br>Comparar de forma estatística as relações socioeconômicas do nosso país, estado e município. |
| Pesquisa ilustrada – Culturas, biomas e os países mais desenvolvidos de cada continente.              | Mostrar aos alunos importância da fauna e flora assimilando a cultural e o desenvolvimento desses países.  |
| Grupos de debates e pesquisas   | Propor a construção do conhecimento em grupo a partir de discussões.   |
| Grupos de estudo sobre os “Domínios naturais do Brasil”   | Incentivar os alunos a buscarem, em grupos, mais informações e detalhes sobre os domínios naturais do Brasil e   |

|   |  |
|---|--|
|   | apresentarem em forma de seminário o conhecimento conquistado.                               |
| Painel “Espaço econômico”   | Comparar de forma estatística as relações socioeconômicas do nosso país, estado e município. |
| Aplicação de dinâmicas em sala                                      | Revisar o conteúdo através de uma dinâmica.  |
| Propor a construção do conhecimento em grupo a partir de discussões | Utilizar a tecnologia a favor do ensino da geografia.  |
| Educação Ambiental: Recicle seu papel no meio ambiente              | Desenvolver nos alunos o olhar crítico sobre os problemas ambientais.                        |
| Jogo da Coleta seletiva   | Identificar os conhecimentos dos participantes sobre a utilização de resíduos sólidos.       |
| Roda de discussão   | Debater a diversidade cultural no Brasil   |
| Cinema geográfico: Trabalho Informal                                | Gravação de vídeos e depoimentos dos alunos trabalhadores.                                   |